



EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO: MÉTODOS DE ENSINO UTILIZADOS NO PROJETO *ADMINISTRAÇÃO PARA TODOS*

Tereza Evâny de Lima Renôr Ferreira¹

RESUMO

A extensão universitária revela-se como elo entre a universidade e a sociedade, socializando e democratizando o conhecimento disponibilizado em Instituições do Ensino Superior – IES. O presente trabalho apresenta contribuições do projeto de extensão *Administração para Todos*, realizado no Curso de Administração de uma Instituição de Ensino Superior, na cidade de João Pessoa/PB, no que se refere à aplicação das práticas metodológicas de ensino. Diante

dessa proposta, encontram-se os alunos do Curso de Administração, que atuam como instrutores ministrando os cursos disponibilizados no projeto. Os alunos aplicam métodos de ensino em busca da aprendizagem na área de Administração, com o intuito de qualificar os jovens da comunidade para o mercado de trabalho. A pesquisa se configurou como qualitativa e quantitativa, de caráter exploratório. Foi aplicado questionário com os instrutores

1 - terezarenor@yahoo.com.br - História/UFRN

do projeto para coletar informações sobre os métodos de ensino-aprendizagem utilizados no projeto. O resultado da pesquisa revelou que os instrutores empregam métodos de ensino de forma sistematizada, por meio da qualificação que recebem durante o processo de execução do projeto e aplicam, de forma consciente, os métodos estudados nessa pesquisa, em especial,

o estudo de caso, a aula expositiva e a discussão em grupo, ao contrário do ciclo de palestras, que apresentou um percentual baixo de desconhecimento e aplicabilidade.

Palavras-chave: Extensão universitária. Conhecimento acadêmico. Ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Ao falar sobre as transformações humanas, estamos nos reportando às transformações realizadas por meio do conhecimento e de suas ações. É a partir do conhecimento adquirido pelo homem que a história é construída. A educação, processo pelo qual o conhecimento é produzido, compartilhado, disseminado e transformado, exerce um papel fundamental na sociedade do conhecimento e da informação, responsabilizando-se pelo exercício da cidadania. É com o conhecimento que o ser humano adquire a possibilidade de ampliar os próprios horizontes, formulando pensamentos críticos e interferindo nas relações sociais, políticas, econômicas e culturais. Considerando esses aspectos, observa-se que a extensão universitária funciona como elo entre a universidade e a comunidade onde está inserida. Essa relação recebe influxos positivos, como retroalimentação advinda das reais necessidades, dos anseios e das aspirações de pessoas da comunidade.

Por meio da prática de extensão, a universidade tem a oportunidade de levar até a comunidade os conhecimentos de que é detentora, produzidos através da pesquisa do ensino superior, buscando socializar e democratizar o conhecimento aos jovens que não tiveram acesso à universidade. Assim, o conhecimento não se traduz em privilégio apenas da minoria que é aprovada no processo seletivo universitário, mas difundido pela comunidade que

não tem acesso a ela, consoante os próprios interesses dessa mesma comunidade. O compartilhamento desse conhecimento com a comunidade sugere uma proposta crítica a partir dos questionamentos que envolvem uma série de fatores sociais, políticos e culturais. E para que a prática extensionista se torne realidade, é importante o envolvimento do corpo docente e do discente, a partir de metodologias desenvolvidas para a prática de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, surgiu a seguinte questão de pesquisa: qual a percepção e o uso dos métodos de ensino adotados pelos instrutores do projeto de extensão *Administração para Todos* mediante a aplicação do conhecimento acadêmico?

Assim, o presente estudo se reveste de significativa importância, uma vez que tem como objetivo avaliar a prática da extensão universitária por meio da produção e reprodução do conhecimento universitário, levando em consideração a metodologia de ensino-aprendizagem aplicada aos discentes, composto pela comunidade carente, envolvidos no projeto de extensão *Administração para Todos*.

Para a Academia, o tema apresenta relevância, tanto no aspecto didático-pedagógico quanto no social. A ponte construída pela extensão representa o conhecimento em ação, que ultrapassa os muros das universidades, em prol de uma sociedade capaz de rever seus conceitos e lacunas.

A UNIVERSIDADE E O CONHECIMENTO

Na sociedade atual em que vivemos, o conhecimento tem sido atualizado a cada instante, e o conhecimento universitário atravessa gerações. O aluno que, há anos, levava o conhecimento adquirido em seu curso superior para o resto da vida profissional hoje passou a ser um eterno aluno, e o profissional recém-saído da universidade precisa estar constantemente estudando e pesquisando o que há de mais novo, o que não acontecia antes.

Segundo Buarque (2003, p. 31),

a velocidade atual do avanço do conhecimento não permite que um ex-aluno permaneça preparado, a não ser que ele se atualize constantemente. Nenhum profissional continua fazendo pleno jus o seu diploma depois de cinco anos de formado. Em alguns casos, essa desatualização ocorre até mesmo ao longo do curso, quando muito do que foi aprendido rapidamente se torna obsoleto, sendo substituídos por novas teorias, novas informações e novos conhecimentos.

A universidade tenta congrega esses conhecimentos, mas a duração dos doutorados e as limitações dos departamentos vêm impedindo que o conhecimento seja disseminado com a mesma velocidade de fora dela. Os centros de pesquisas públicos auxiliam a estudar os diversos campos do conhecimento, oferecendo ensino superior sem passar o mesmo conhecimento que as universidades tradicionais. Para Buarque (2003), a universidade tem compromisso com o

futuro. A falta de investimento social e a divisão interna influenciam o Brasil no cenário internacional. Dessa maneira, a universidade tem papel importante nessa construção, porquanto contribui para:

- a. criar as bases científicas e tecnológicas necessárias para enfrentar o futuro;
- b. compreender as relações internacionais, num mundo em que hoje só existe uma grande potência;
- c. compreender a realidade de um mundo globalizado, onde há exclusão e divisão;
- d. contribuir para a definição de formas de defesa de nossa soberania num mundo globalizado.

Dentre os quatro pontos elencados pelo autor, destacamos a responsabilidade da universidade de compreender a realidade do mundo e contribuir com a inclusão dos indivíduos que se encontram à margem da sociedade. O papel da extensão universitária tem proporcionado essa contribuição, estreitando os laços do conhecimento universitário com a comunidade.

Os conhecimentos necessários ao mundo, no futuro, terão que ser definidos, e a universidade e a Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES) têm essa capacidade de definir os conhecimentos que já deveríamos estar praticando.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

O termo extensão significa estender-se algo para algum lugar ou até alguém, o que denota que o ato de estender pode ser considerado uma continuação ou contribuição para a construção de algo, em algum lugar, para alguma pessoa que necessita dessa contribuição. No caso da extensão universitária, o termo estende o conhecimento produzido por uma camada privilegiada que tem como objetivo colaborar com o desenvolvimento social.

No Brasil, a extensão começou a escrever sua história com as contribuições do *Manifesto de Córdoba*, caracterizado pelo movimento estudantil surgido na Argentina, em 1918, considerado por alguns autores, em especial, por Gurgel (1986, p. 35), como a “primeira manifestação estudantil de significação acontecida [...]”. Esse movimento influenciou os estudantes brasileiros a darem início à Universidade Popular, que ressurgiu no Plano de Sugestões da União Nacional dos Estudantes – (UNE) em 1938, como bandeira de luta de democratização da Universidade e de sua autonomia e da reorganização da vida acadêmica. Gurgel (1986, p.36) ainda assegura que o movimento de Córdoba

pleiteava a gratuidade do ensino; a periodicidade da cátedra, a reorganização acadêmica em seus métodos, conteúdos e técnicas; uma melhor qualificação dos docentes; um processo democrático de ingresso do estudante na universidade e uma articulação orgânica entre o nível superior e o sistema de educação regional.

Esse documento promoveu a extensão universitária e o fortalecimento da universidade, por meio da projeção da cultura universitária para o povo e da preocupação com os problemas nacionais. Segundo Gurgel (1986), a extensão propiciaria, portanto, uma projeção do trabalho social da universidade ao meio e sua inserção em uma dimensão mais ampla.

O documento denominado de *Manifesto* reivindicava uma universidade democrática e com autonomia política de docência. Os estudantes

representavam uma força democrática que reivindicava a necessidade de uma unidade latino-americana no combate ao imperialismo e à ditadura. Segundo Sousa (2000), a proposta de Córdoba vincula a extensão universitária à sociedade. Esse manifesto foi responsável pela influência efetiva dos discursos oficiais e as propostas dos segmentos componentes da estrutura universitária na questão da missão social da Universidade. Assim, abriu espaços que possibilitam uma universidade mais crítica, com uma visão de instituição que mantivesse um compromisso com a sociedade, não só em direção ao seu desenvolvimento, mas também à sua transformação.

No primeiro Estatuto das Universidades Brasileiras, publicado na legislação de 1931, a extensão se destaca como um organismo da vida social da Universidade pelo fato de oferecer cursos e conferências com características educacionais. Somente em 1968, através da Lei 5.540/68, a extensão foi considerada obrigatória nas Instituições de Ensino Superior do país.

A nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB – Lei nº 9.394/96) apresenta a extensão como um dos fins da universidade de democratizar as aquisições e os benefícios que são frutos de resultados da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica produzida na instituição. A consolidação das atividades de extensão universitária, em nosso país, veio através do desenvolvimento do Plano Nacional de Extensão, elaborado pelos pró-reitores das universidades públicas brasileiras, hoje, apoiado pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC. De acordo com esse documento,

a extensão é uma prática acadêmica que interliga a universidade nas suas atividades de ensino e de pesquisa, com as demandas da maioria da população, possibilita a formação do profissional cidadão e se credencia, cada vez mais, junto à sociedade como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para a superação das desigualdades sociais existentes (MEC, 1996).

Ao ensino é proposto o conceito de sala de aula que vai além do tradicional espaço físico e compreende todos os demais, dentro e fora da universidade, em que se realiza o processo histórico-social com suas múltiplas determinações, que passou a expressar um conteúdo multi, inter e transdisciplinar, como exigência decorrente da própria prática. O estágio curricular é alçado como um dos instrumentos que podem ser utilizados para viabilizar a extensão no momento da prática profissional, da consciência social e do compromisso político (Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – Brasil 2000/2001). Nesse mesmo sentido, poderão ser articuladas a prática, como componente curricular, e as outras formas de atividades de enriquecimento didático, curricular, científico e cultural.

Considerando a articulação entre teoria e prática, as Diretrizes incorporam as normas vigentes cujo princípio metodológico geral é de que todo fazer implica uma reflexão e toda reflexão implica um fazer, ainda que nem sempre esse se materialize. Nesse sentido, a dimensão prática deve ser trabalhada continuamente tanto na perspectiva da sua aplicação no mundo social e natural quanto

na perspectiva da sua didática. As atividades desse espaço curricular devem buscar promover a articulação das diferentes práticas, com ênfase nos procedimentos de observação e reflexão para compreender e atuar em situações contextualizadas, tais como o registro de observações realizadas e a resolução de situações-problema características do cotidiano profissional (BRASIL, 2001, p. 57).

O artigo 207 da Constituição Brasileira de 1988 dispõe que “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. Esse é o tripé em que a universidade se encontra apoiada e que constitui as funções básicas da universidade.

A partir da extensão é formada a integração da dinâmica pedagógica do processo de formação e de produção do conhecimento, em interação constitutiva e permanente com o ensino e a pesquisa, de forma a contribuir para uma educação crítica, ética e cidadã do corpo acadêmico. As universidades brasileiras descrevem um perfil para as práticas de extensão apresentadas a seguir, segundo a tipologia de Silva (2003):

PRÁTICAS DE EXTENSÃO	DESCRIÇÃO
Prestação de serviços	É a forma como a universidade procura atender às demandas através de atividades de ensino, pesquisa, consultoria, assistência técnica e profissional, utilizando a disponibilidade de seus recursos humanos e materiais, em parceria com entidades públicas ou privadas, por meio de convênios, acordos, contratos ou outros instrumentos legais, e recebendo a devida contrapartida pecuniária para ressarcir seus custos e captar recursos para o fomento de suas atividades.
Assistência técnica	É a forma como a universidade busca atender às necessidades da comunidade ou à demanda específica, por meio de atividades técnicas especializadas, sem contrapartida pecuniária, pois utiliza a disponibilidade de seus recursos humanos e materiais.
Ensino de extensão	Atividades desenvolvidas sob a forma de programas de educação continuada, cursos ou apresentação de palestras, conferências e discursos em eventos (encontros, congressos, simpósios, jornadas, colóquios, oficinas de trabalho, seminários, ciclos de palestras, convenções, debates ou outros) e estágios curriculares.
Difusão cultural	Atividades desenvolvidas sob a forma de exposições, espetáculos, recitais, exhibições, concertos, performances ou audições de cunho científico, tecnológico, desportivo, filosófico, social, educacional, artístico e cultural.

Quadro 1 – Tipos de práticas de extensão desenvolvidas nas universidades brasileiras.

Fonte: SILVA (2003).

A prática de serviço caracteriza o tipo de extensão em que se usam recursos humanos e materiais das universidades com parcerias de entidades, a fim de promover para a sociedade serviços voltados para as necessidades sociais. A extensão de assistência técnica atende às necessidades específicas da sociedade sem usar de pecúnia, disponibilizando os recursos humanos e materiais da universidade. No ensino de extensão, as atividades são voltadas para a produção de conhecimento, suscitando a proposta de expandir os aspectos cognitivos do aluno por meio de cursos, palestras, seminários, educação continuada e

eventos dessa natureza. O foco dessa prática está em preparar o aluno extensionista da comunidade para desenvolver um pensamento crítico, a fim de que se sobressaia na sociedade, com a qualificação que recebeu mediante as práticas desenvolvidas durante o contato com a extensão.

A difusão cultural visa possibilitar à comunidade a oportunidade de desenvolver ações culturais, sensibilizando, propagando e instruindo as pessoas que não tiveram acesso a atividades socioculturais dessa natureza. Ressalta-se que qualquer uma das práticas extensionistas contribui com as necessidades da sociedade.

APRENDIZAGEM

Alguns autores afirmam que as teorias da aprendizagem são uma subclasse da ciência cognitiva. Na realidade, a ciência do comportamento humano se preocupa em mostrar a importância dessas teorias para a ciência cognitiva. É a partir dessa relação que poderemos construir uma ponte para compreender essas correntes. Gardner (1996, p. 20) refere que, “atualmente, a maioria dos cientistas cognitivistas é proveniente das fileiras de disciplinas específicas – em especial, da filosofia, da psicologia, da inteligência artificial, da linguística, da antropologia e da neurociência”.

As teorias de aprendizagem procuram reconhecer a dinâmica envolvida nos atos de ensinar e de aprender, partindo do reconhecimento da evolução cognitiva do homem, e tentam explicar a relação entre o conhecimento preexistente e o novo. A aprendizagem não seria apenas inteligência e construção de conhecimento, mas, basicamente, identificação pessoal e relação por meio da interação entre as pessoas. É importante compreender o modo como as pessoas aprendem e as condições necessárias para isso, pois elas possibilitam a aquisição de conhecimentos, atitudes e habilidades com as quais poderão alcançar os objetivos de aprendizagem.

Na visão do biólogo Piaget, a aprendizagem tem base na Biologia, e os atos biológicos se adequam ao equilíbrio do meio físico e às organizações do meio ambiente. Do ponto de vista biológico, a organização é inseparável da adaptação. Eles são dois processos complementares de um único mecanismo, porém o primeiro é o aspecto interno do ciclo do qual a adaptação constitui o aspecto externo (PIAGET, 1952).

Ainda segundo Piaget (apud PULASKI, 1986), a **adaptação** é a essência do funcionamento intelectual, assim como a essência do funcionamento biológico. É uma das tendências básicas inerentes a todas as espécies. A outra tendência é a de organização, que constitui a habilidade de integrar as estruturas físicas e psicológicas em sistemas coerentes. O autor acrescenta que a adaptação acontece através da organização. Assim, o organismo discrimina entre a miríade de estímulos e de sensações com que é bombardeado e os organiza em alguma forma de estrutura. Esse processo de adaptação é realizado por meio de duas operações: a **assimilação** e a **acomodação**, formando um novo conceito que é chamado por Piaget de esquema.

O processo de adaptação que dá origem ao esquema deve descrever “como” e “quais” as formas de ensinar e aprender.

METODOLOGIA E ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Na perspectiva de atribuir aprendizado, a metodologia de ensino apresenta caminhos diversos para diferentes situações didáticas, leva em consideração a tendência ou corrente pedagógica que irá ser adotada pelo professor e/ou pela instituição e procura o melhor caminho a ser trilhado pelo aluno para que ele possa se apropriar dos conhecimentos propostos pelas atividades pedagógicas.

Embora muitos professores sintam que têm um papel importante na determinação de mudanças significativas no processo de ensino, quando, na verdade, sua função é de buscar alternativas, nem sempre conseguem atingir os objetivos desejados. Se, em sua prática cotidiana, o professor percebe que a metodologia adotada favorece apenas alguns alunos em detrimento de outros ou da maioria, ele precisa compreender o porquê disso, a que alunos esse método favorece e porque os favorece. Sem essa compreensão, dificilmente conseguirá mudanças que levem a resultados significativos. E para que esses objetivos sejam alcançados, a relação pedagógica deve ser elaborada com base metodológica e planejamento adequado. Ao professor cabe o esforço construtivo de

agrupar todas as teorias modernas de aprendizagem. “Um professor realmente competente jamais aceitaria ser enquadrado numa teoria qualquer, porque imagina ser capaz de fazer a própria” (DEMO, 1997, p 31).

Vilarinho (1985, p. 52) apresenta os métodos de ensino configurados em modalidades básicas, vejamos.

Métodos de ensino individualizado: a ênfase está na necessidade de se atender às diferenças individuais como, por exemplo, ritmo de trabalho, interesses, necessidades, aptidões etc. Nesse método, predominam o estudo e a pesquisa, e o contato entre os alunos é acidental.

Métodos de ensino socializado: o objetivo principal é o trabalho em grupo, com vistas à interação social e mental proveniente dessa modalidade de tarefa. A preocupação máxima é a de integrar o educando no meio social e de trocar experiências significativas em níveis cognitivos e afetivos.

Métodos de ensino socioindividualizado: procura equilibrar a ação grupal e o esforço individual, no sentido de promover a adaptação do ensino ao educando e de ajustá-lo ao meio social.

MODALIDADES BÁSICAS	TÉCNICAS	APLICAÇÕES
INDIVIDUALIZADO	Estudo dirigido	Estimula o método de estudo e pensamento reflexivo. Leva à autonomia intelectual. Atende à recuperação de estudos.
	Ensino por fichas	Revisa e enriquece conteúdos.
	Instrução programada	Apresenta informações em pequenas etapas e s equência lógica. Dá recompensa imediata e reforço. Estimula o aluno a caminhar no próprio ritmo.
	Ensino por módulos	Leva o estudante a ter responsabilidade no desempenho das tarefas propostas. Propõe ao aluno os objetivos a serem atingidos e atividades variadas para alcançar esses objetivos.

Quadro 2 – Modalidade individualizada.

Fonte: Adaptado de Vilarinho (1985, p. 85).

MODALIDADES BÁSICAS	TÉCNICAS	APLICAÇÕES
SOCIALIZADO	Discussão em pequenos grupos Estudo de caso	Troca de ideias e opiniões face a face. Resolução de problemas. Busca de informações. Tomada de decisões.
	Discussão 66 ou Phillips 66	Revisão de assuntos. Estímulo à ação. Troca de ideias e conclusão.
	Painel	Definição de pontos de acordo e desacordo. Debate, consenso e atitudes diferentes (assuntos polêmicos).
	Painel integrado	Troca de informações. Integração total (das partes num todo). Novas oportunidades de relacionamento.
	Grupo de cochicho	Máximo de participação individual. Troca de informações. Funciona como meio de incentivo. Facilita a reflexão.
	Discussão dirigida	Solução conjunta de problemas. Participação de todos os alunos.
	<i>Brainstorming</i>	Criatividade (ideias originais). Participação total e livre.
	Seminário	Estudo aprofundado de um tema. Coleta de informações e experiências. Pesquisa, conhecimento global do tema. Reflexão crítica.
	Simpósio	Divisão de um assunto em partes para estudo. Apresentação de ideias de modo fidedigno. O grupo faz a conferência do que foi apresentado.
	GVGO ou Grupo na Berlinda	Verbalização. Objetividade na discussão de ideias. Capacidade de analisar e de sintetizar.
	Entrevista	Troca de informações. Apresentação de fatos, opiniões e pronunciamentos importantes.
	Diálogo	Intercomunicação direta. Exploração, em detalhe, de diferentes pontos de vista.
	Palestra	Exposição menos formal de ideias relevantes. Sistematização do conteúdo. Comunicação direta com o grupo.
	Dramatização	Representação de situações da vida real. Melhor rendimento e compreensão dos elementos.

Quadro 3 – Modalidade socializada.

Fonte: Adaptado de Vilarinho (1985, p. 85).

MODALIDADES BÁSICAS	TÉCNICAS	APLICAÇÕES
SOCIOINDIVIDUALIZADO	Método de projetos	Realiza algo de concreto. Incentiva a resolução de problemas sugeridos pelos alunos. Exige trabalho em grupo e atividades individuais.
	Método de problemas	Desenvolve o pensamento reflexivo. Desenvolve o pensamento científico.
	Unidades didáticas	Compreensão do “todo” a ser estudado. Incentivo ao aluno, à criatividade e à flexibilidade nas atividades. Organização do conteúdo aprendido.
	Unidades de experiências	Aplicação dos conceitos teóricos na prática. O aluno pode fazer uma análise crítica e reconstruir a experiência social.
	Pesquisa como atividade discente	Desenvolve o gosto pelo estudo científico. Leva o aluno a distinguir a pesquisa pura da aplicada. Utiliza-se de diversas técnicas de coleta de dados. Utiliza-se do método científico.

Quadro 4 – Modalidade socioindividualizada.

Fonte: Adaptado de Vilarinho (1985, p. 85).

Os quadros 2, 3 e 4 apresentam as aplicações técnicas em função dos objetivos a atingir, mediante as modalidades básicas apresentadas pelo autor. É importante considerar todas as modalidades a serem desenvolvidas, já que a sala de aula é um ambiente contingencial que apresenta divergências, com momentos e públicos distintos. Por essa razão, é necessário conhecer e aplicar alternativas pedagógicas que possibilitem a aprendizagem.

Um aluno pode decidir explorar uma atividade de um objeto de aprendizagem pelo simples fato de se interessar pelo conteúdo, ou

seja, ele tem uma motivação intrínseca, não precisa de um ambiente de aprendizagem com grandes esforços para ser envolvido. Porém, se o aluno não estiver intrinsecamente motivado, o ambiente de aprendizagem deve oferecer mais aspectos motivacionais para mantê-lo interessado na atividade.

Além das aplicações técnicas usadas nas alternativas pedagógicas, as aulas podem receber apoio de recursos para incrementar e auxiliar o processo de ensino e aprendizagem, tanto por meio do próprio conteúdo quanto do ambiente.

TIPOS DE RECURSOS AUDIOVISUAIS

Existe uma variedade de recursos audiovisuais que podem auxiliar o professor a expor suas aulas de forma mais interessante. Cada recurso deve ser adaptado ao foco da aula apresentada, e o melhor recurso será aquele conveniente ao

momento, ao tema e ao público da aula, considerando também o ambiente em que a aula está sendo ministrada.

De acordo com as concepções de Gil (2008) e de Lowman (2004), são apresentados alguns recursos audiovisuais, conforme quadro abaixo:

RECURSOS AUDIOVISUAIS	
Recursos	Descrição
Folhas auxiliares	Documentos, esquemas, fórmulas, folhetos de apresentações, entre outros impressos.
Quadro negro	Exposição de aula e esquemas.
<i>Flipcharts</i>	Bloco de papel.
Aparelho de DVD	Projeção de filmes e documentários.
Retroprojetores	Visualização de transparências.
Computadores e projetor multimídia (<i>Datashow</i>)	Apresentação em <i>PowerPoint</i> , vídeo, áudio, videoconferências, base de dados e internet.
Aparelho de som	Áudio.

Quadro 5 – Recursos audiovisuais.

Fonte: Autoria própria com base em Gil (2008, p. 97) e Lowman (2004, p. 147-154).

O uso adequado dos recursos contribui, em conjunto com a aplicação dos métodos de ensino, para um processo de ensino-aprendizagem significativo e favorece a participação do aluno. Lowman (2004, p.154) assevera que:

Independentemente dos métodos específicos usados para apresentar visualmente a matéria, o propósito psicológico e educacional da aula permanece o mesmo: assegurar que os estudantes se concentrem totalmente na apresentação, que eles a entendam e organizem-na do melhor modo possível, e que eles estejam motivados a aprender por si mesmos fora da aula... objetivos que também podem ser alcançados por um professor exemplar equipado com um único pedaço de giz, um quadro e um lugar razoavelmente silencioso onde possa conversar com os alunos.

Os recursos são suportes tecnológicos que assessoram o professor para facilitar e dinamizar suas aulas. A condição *sine qua non* da aula para alcançar o aprendizado dos alunos se encontra nas habilidades didático-pedagógicas do professor, porque é ele que possibilitará a melhor forma de lecionar. O tom de voz, a forma de olhar, de caminhar, de falar e de se dirigir ao aluno e a propriedade com que expõe o seu conhecimento, entre outros predicados psicológicos e comportamentais que um professor deve ter, influenciam diretamente seu desempenho em sala de aula. Portanto, não são os atributos tecnológicos que irão lecionar, mas o professor.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

O Curso de Extensão da IES pesquisada foi criado em 2003, no Curso de Administração, com o propósito de se estender à comunidade que não teve acesso aos cursos de nível superior. De acordo com a tipologia de práticas,

citadas por Silva (2003), os cursos do projeto *Administração para Todos* se caracterizam como “Ensino de Extensão” e propõem atividades que sejam desenvolvidas com a comunidade, com cursos voltados para o mercado de

trabalho, promovendo a inclusão social da comunidade que se encontra à margem.

O método empregado para o desenvolvimento desta pesquisa foi a abordagem qualitativa e quantitativa, de caráter exploratório. De acordo com Laville e Dionne (1999), na abordagem qualitativa, o pesquisador decide prender-se a nuances para mostrar o sentido que existe entre as categorias que reúnem, visto que a significação de um conteúdo reside largamente na especificidade de cada um de seus elementos e nas relações entre eles, ao passo que a pesquisa quantitativa busca quantificar os resultados apresentados através de percentuais. Já de acordo com Gil (1999), o caráter exploratório

é desenvolvido com o objetivo de mostrar uma visão geral acerca de determinado fato.

Em relação ao universo e à amostra da pesquisa, a população foi composta pelos discentes que desenvolvem atividades como instrutores. Foram aplicados questionários com todos os dezesseis alunos que compõem o quadro de instrutores, o que a caracteriza como censitária.

Para a coleta dos dados, foi aplicado um questionário com os instrutores. Os dados foram analisados de forma quantitativa, utilizando-se questionários respondidos pelos alunos do Curso de Administração (instrutores) do projeto de extensão, por meio de medidas estatísticas simples, como média e percentual.

ACHADOS DA PESQUISA

Visando atender a uma realidade mercadológica local, o projeto de extensão *Administração para Todos* disponibiliza para a comunidade cinco cursos na área de Administração, visando atender a uma realidade mercadológica local: **Noções em Gestão de Pessoas, Assistente Administrativo, Técnicas de Vendas, Qualidade no Atendimento e Gestão Empreendedora de Micronegócios.**

O projeto é considerado um dos principais do Curso de Administração, por se entender que existe uma trajetória de sucesso e realização em sua atuação. É um projeto que começou com a finalidade de atender à comunidade que fica próximo à IES estudada, mas tomou proporções maiores, levando em consideração a vinda de jovens de outros municípios circunvizinhos. Isso demonstra sua amplitude educacional não somente nas comunidades de João Pessoa, mas também de outras cidades, o que torna possível a qualificação profissional e, posteriormente, a inclusão social daqueles que se encontravam às margens da sociedade. O projeto está alinhado com os objetivos de desenvolvimento do milênio (ODM), listados pela Organização das Nações Unidas (ONU),

mais especificamente, com o oitavo voltado para “estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento”. A média de alunos concluintes nos cinco cursos ofertados é de 640 qualificados por ano, o que dá a essa comunidade discente uma chance de ser incluída no mercado de trabalho com um conhecimento específico adquirido no projeto.

Por outro lado, o projeto oferece ao aluno de graduação a oportunidade de pôr em prática o conhecimento que vem sendo adquirido em sala. Oficialmente, a escolha dos alunos para desenvolver as atividades de instrutores passa por alguns critérios, como o período em que se encontram, o coeficiente de rendimento escolar (CRE) e o desempenho em sala de aula.

A pesquisa foi realizada com os dezesseis instrutores, com os dados coletados por meio de um questionário com dez questões de cunho exploratório. As respostas captadas dos questionários contribuíram com informações relevantes para se analisar a percepção e o uso dos métodos de ensino e aprendizagem adotados pelos instrutores do projeto de extensão *Administração para Todos*. Também foi aplicada uma entrevista como o coordenador do projeto.

RESULTADOS

A princípio, averiguou-se que os instrutores recebem orientação didática pedagógica. De acordo com os resultados da pesquisa, 86,75% dos pesquisados disseram que sim. Isso demonstra a preocupação do projeto em capacitar o instrutor, quanto ao posicionamento e à qualificação metodológica vivenciados em sala de aula no tocante ao ensino e à aprendizagem. Para Almeida (2001), o atual contexto escolar brasileiro requer dos educadores alternativas pedagógicas que auxiliem o processo de ensino-aprendizagem de forma mais eficiente. As pedagogas pertencentes ao Núcleo de Apoio Pedagógico (NAPE), um órgão da IES que apoia o projeto fazendo oficinas pedagógicas com os instrutores. O acompanhamento e a orientação durante o curso são feitos pelos professores envolvidos no projeto.

O curso funciona com todas as peculiaridades de ensino e aprendizagem e requer a necessidade de apresentar um plano de ensino capaz de direcionar e organizar as ações dos instrutores no curso em que lecionam. Nessa perspectiva, 73,3% afirmaram que preparam o plano de ensino do curso em que lecionam. Gil (2002, p. 32) define o planejamento educacional como o processo sistematizado, mediante o qual se pode conferir mais eficiência às atividades educacionais para, em determinado prazo, alcançar o conjunto das metas estabelecidas. O autor (GIL, 2002) apresenta, ainda, níveis de planejamentos, configurados como planejamento educacional, curricular e de ensino. O **planejamento de ensino** tem sua formação mediante as estratégias de ensino do professor, nas quais estão traçadas as metas e as atividades a serem desenvolvidas durante a carga horária prevista pelo planejamento curricular, com o objetivo de alcançar os resultados planejados pelo professor.

Em relação ao plano de aula, é verificada a importância de o instrutor prepará-lo diariamente. Para isso, deve ter em mãos as ações vinculadas às práticas de ensino e o conteúdo

a ser ministrado, visando atingir o seu desempenho diário em sala de aula. Foi constatado, ainda, que 86,7% dos instrutores se preocupam em preparar suas aulas diariamente. “Para ser inovadora e envolvente e estritamente conectada com o tópico anterior da disciplina, cada aula deveria ser organizada [...]” (LOWMAN, 2004, p. 209).

Na perspectiva de atribuir aprendizado à metodologia de ensino, são apresentados caminhos diversos para diferentes situações didáticas, tendo em vista a tendência ou corrente pedagógica que irá ser adotada pelo professor e/ou pela instituição, procurando o melhor caminho a ser trilhado pelo aluno para que ele possa se apropriar dos conhecimentos propostos pelas atividades pedagógicas.

Foram apresentados seis métodos de ensino-aprendizagem aos instrutores (**aula expositiva, estudo de caso, ciclo de palestras, discussão em grupo, resumo de literatura e seminários**), para que dissessem quantos métodos conheciam. Os resultados apontaram que 40,0% conhecem até quatro métodos de ensino, e 33,3%, até cinco métodos. O conhecimento de um maior número de métodos proporciona ao instrutor mais opções metodológicas a serem utilizadas em sala de aula, e o número apresentado tem uma boa representatividade, considerando que a formação dos instrutores não está vinculada diretamente à docência.

Em relação aos recursos instrucionais, cuja finalidade é de tornar a aula mais agradável e auxiliar o instrutor a expor suas aulas, Lowman (2004, p. 147) afirma que “as atividades de ouvir e de pensar são as principais atividades pelas quais os alunos aprendem durante a aula, embora eles aprendam mais com aquilo que vêem”.

Foram apresentados oito tipos de recursos (**folhas auxiliares, retroprojetores, quadro negro, computadores, flipcharts, projetor multimídia – datashow, filmes e aparelho**

de som), dos quais, 26,7% dos entrevistados afirmaram que conhecem seis. Os demais números de conhecimento dos recursos variam em razão da experiência em sala de aula. O conhecimento de, no mínimo, três recursos foi mencionado por 13,3%, ou seja, dois recursos

representam a variação de apresentação das aulas, o que é favorável à didática do instrutor.

A tabela a seguir apresenta a opinião dos instrutores do projeto sobre a avaliação da eficácia dos métodos de ensino em sala de aula. Foi atribuída nota de 0 a 10 a cada método.

Tabela – Nota atribuída à eficácia dos métodos de ensino utilizados em sala de aula.

MÉTODOS	NÃO RESPONDEU	MAIS EFICÁCIA	MENOS EFICÁCIA
Aula expositiva	6,7%	80,0%	13,3%
Estudo de caso	6,7%	86,6%	6,7%
Ciclo de palestras	46,7%	53,3%	-
Discussão em grupo	6,7%	80,0%	13,3%
Resumo de literatura	20,0%	53,3%	26,7%
Seminários	33,3%	60,6%	6,1%

Fonte: Autoria própria (2014).

Para Vilarinho (1985, p. 85), “o estudo de caso possibilita a partir da troca de ideias, opiniões face a face, resolução de problemas, busca de informações e tomada de decisões”. Os instrutores perceberam que o método de **estudo de caso** foi mais eficaz na aprendizagem dos alunos, com 86,6% no processo de aprendizagem.

Dando sequência à classificação de eficácia na aprendizagem dos alunos, a **aula expositiva** e a **discussão em grupo** tiveram 80,0% de aprovação no método de ensino respectivamente. “A aula expositiva caracteriza-se pela explicação oral dirigida pelo professor aos alunos e a discussão em grupo apresenta um uso isolado ou em conjunto com outros métodos, especialmente o da aula expositiva” (PLEBANI; DOMINGUES, 2009, p. 57). O resultado confirma o posicionamento de Gil (2006) de que o método de aula expositiva é

o procedimento mais empregado em todos os níveis de ensino no Brasil.

O ciclo de palestras foi o método que obteve o maior percentual de ausência nas respostas (46,7%). Esse número sugeriu desconhecimento e, conseqüentemente, a não utilização do método apresentado em sala de aula. Os instrutores que o utilizam apontaram 53,5% de eficácia nesse método.

O resumo de literatura que, segundo Plebani e Domingues (2009), também é conhecido como resumo pedagógico, é o trabalho de resumir os elementos mais importantes de um texto. Esse método apresentou a menor eficácia no aprendizado de ensino com um percentual de 26,7%. Portanto, os instrutores que utilizaram esse método não viram resultado na eficácia de sua aplicação com ênfase na aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES

O trabalho apresentou a importância da extensão universitária na formação de uma rede de relacionamentos com parceiros preocupados em desenvolver e inserir pessoas na sociedade e usar a metodologia de ensino-aprendizagem dos instrutores e dos discentes envolvidos no projeto fazendo um trabalho eficiente no âmbito extensionista. Nesse contexto, considerando a preparação no âmbito metodológico, o projeto tem contado com parcerias de ordem pedagógica da instituição, o que tem possibilitado aos instrutores empregarem recursos metodológicos em sala de aula. Isso demonstra que se preocupam em organizar previamente suas aulas com uma sequência lógica e definida com segurança e organização.

A análise dos questionários mostrou que alguns instrutores não usam métodos de ensino porque não os conhecem, e mesmo com a falta de conhecimento e a aplicação de alguns métodos, os pesquisados apontaram resultados positivos na eficácia nos métodos estudo de caso, aula expositiva e discussão em grupo.

Concluiu-se que o Curso de Extensão *Administração para Todos* da IES pesquisada tem

dado uma contribuição de grande relevância para a sociedade, por induzir as práticas metodológicas ao contexto extensionista de ensino por meio dos instrutores, o que tem resultado em ações didáticas eficazes mediadas pelos professores.

As contribuições de cunho profissional do ensino ofertadas pelos cinco cursos disponibilizados para a comunidade carente, mediante a extensão universitária, têm proporcionado à população que se encontra à margem uma chance de conquistar um espaço no mercado de trabalho e de ser incluída na sociedade e de dar continuidade aos estudos em razão de terem adquirido uma base conceitual das abordagens teóricas administrativas, o que facilitará a aprendizagem de novos conhecimentos.

A título de sugestão, seria interessante a participação dos instrutores egressos nas reuniões pedagógicas, para expor, em palestras e oficinas de práticas, as experiências vivenciadas com os alunos do projeto, ao longo de sua trajetória como instrutores nos cursos de extensão, discutindo sobre o uso de metodologias em sala de aula, bem como realizando sua avaliação.

UNIVERSITY EXTENSION IN MANAGEMENT COURSE: TEACHING METHODS USED IN PROJECT *MANAGEMENT FOR ALL*

ABSTRACT

The university extension is revealed as a link between the university and society, socializing and democratizing the knowledge available in the Higher Education Institutions – IES. This paper presents extension project contributions *Management for All* accomplished at the Administration Course of a higher education institution in the city of João Pessoa/PB, regarding the application of the methodological practices of teaching. Faced with this proposal, are the students of Administration Course, which act as instructors minister the courses available in the project. Students apply teaching methods in pursuit of learning in the Administration area, in order to qualify the community's youth for

the labor market. The research was configured as qualitative and quantitative, of exploratory character. Questionnaire was applied with the project instructors to collect information about the teaching and learning methods used in the project. The survey results revealed that instructors employ teaching methods in a systematic way through the qualification they receive during the project implementation process, and apply, consciously, the methods studied here, in particular, the case study the class exhibition and group discussion, unlike the lecture series, which showed a low percentage of ignorance and applicability.

Keywords: University extension. Academic knowledge. Teaching-learning

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM CURSO DE GESTÃO: MÉTODOS DE ENSEÑANZA USADAS EM PROJETO *GESTÃO PARA TODOS*

RESUMEN

La extensión universitaria se revela como un vínculo entre la universidad y la sociedad, la socialización y democratización del conocimiento disponible en las Instituciones de Educación Superior – IES. Este artículo presenta las contribuciones de extensión del proyecto “Gestión para Todos”, celebrado en el Curso La administración de una institución de educación superior en la ciudad de João Pessoa/PB, con respecto a la aplicación de las prácticas metodológicas de enseñanza. Ante esta propuesta, son estudiantes del Curso de Gestión, que actúan como instructores que enseñan los cursos disponibles en el proyecto. Los estudiantes aplican los métodos de enseñanza en la búsqueda de aprendizaje en el área de Administración, a fin de calificar a los jóvenes de la comunidad para el mercado laboral. La investigación se configura como

cualitativa y cuantitativa, exploratoria. Se aplicó un cuestionario a los instructores del proyecto para recopilar información sobre los métodos de enseñanza y aprendizaje utilizados en el proyecto. Los resultados de la encuesta revelaron que los instructores emplean métodos de enseñanza de una manera sistemática a través de la capacitación que reciben durante el proceso de ejecución del proyecto, y aplicar, de manera consciente, los métodos estudiados en esta investigación, en particular, el estudio de caso la conferencia y grupo de discusión, a diferencia del ciclo de conferencias, que mostró un bajo porcentaje de la ignorancia y la aplicabilidad.

Palabras clave: Educación continua.

El conocimiento académico.

Enseñando y aprendiendo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. **Educação projetos tecnologia e conhecimento**. São Paulo: PROEM, 2001.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CES nº 776, de 03 dez. de 1997. **Orientação para as diretrizes curriculares dos cursos de graduação**. 2001. Disponível em: <www.portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>. Acesso em: 16 out. 2017.

BUARQUE, C. A Universidade na encruzilhada: **Educação Superior**: reformas, mudanças e internacionalização. p. 21-74. Brasília: UNESCO/MEC, 2003.

DEMO, P. **A nova LDB**: ranços e avanços. 9. ed. Campinas: Papyrus, 1997.

Fórum de Pró-Reitores de Graduação das Universidades Brasileiras – FORGRAD. Plano Nacional de Graduação: um projeto em construção, ForGRAD. 2000. In: _____. **Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (2001)**. Avaliação da Extensão Universitária. Documento de trabalho 2000/2001, ForGRAD. Disponível em: <www.renex.org.br/arquivos/avaliacao.doc>. Acesso em: 16 out. 2017.

- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- _____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- _____. **Didática do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2006.
- _____. **Metodologia do ensino superior**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GARDNER, H. **A nova ciência da mente**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- GURGEL M. R. **Extensão universitária: comunicação ou domesticação?** São Paulo: Cortez Autores Associados/Universidade Federal do Ceará, 1986.
- LAVILLE, C.; DIONE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.
- LOWMAN, J. **Dominando as técnicas de ensino**. São Paulo: Atlas, 2004.
- Ministério da Educação e Cultura – MEC. Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9.394/96). Disponível em: <www.portal.mec.gov.br/arquivos/tvescola/leis>. Acesso em: 16 out. 2017.
- PLEBANI, S.; DOMINGUES, M. J. C de Souza. A utilização dos métodos de ensino: uma análise em um curso de administração. **Revista ANGRAD**, v. 10, n. 2, abr/mai/jun. 2009. Disponível em: <<http://www.angrad.org.br/revista/>>
- PULASKI, M. A. S. **Compreendendo Piaget**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1986.
- PIAGÉT, J. **The origins of intelligence in children**. New York: International Universities Press, 1952.
- SOUSA, A. L. L. **A História da extensão universitária**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2000.
- SILVA, E. W. **A extensão universitária: concepções e práticas**. Tese (Doutorado em Sociologia). 132 f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.
- VILARINHO, L. R. G. **Didática: temas selecionados**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. Editora S.A, 1985.